

AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E A ESCOLA COMO REFÚGIO: UMA JORNADA PARA A RESSOCIALIZAÇÃO DE MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

AFFECTIVITY, LEARNING AND THE SCHOOL AS A REFUGE: A JOURNEY FOR THE RESOCIALIZATION OF WOMEN IN DEPRIVATION OF FREEDOM

AFECTIVIDAD, APRENDIZAJE Y LA ESCUELA COMO REFUGIO: EM VIAJE PARA LA RESOCIALIZACIÓN DE MUJERES EM PRIVACIÓN DE LIBERTAD

Clésia Carneiro da Silva Freire Queiroz¹

RESUMO: A privação de liberdade feminina, marcada por privações, traumas e exclusões, exige estratégias abrangentes e humanizadas para a ressocialização e reintegração social. Neste contexto, a interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio surge como um caminho promissor para a reconstrução de suas vidas. Sendo assim, objetivo desse artigo é compreender como a interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio pode ter implicações na ressocialização de estudantes em privação de liberdade, avaliando como esses elementos podem contribuir para uma reintegração social mais eficaz após o período de encarceramento. Portanto, vínculos afetivos positivos com educadores, pares e figuras de apoio, construídos através da escuta ativa, empatia e respeito, são pilares da autoestima, da confiança e da reconstrução da identidade feminina. A educação de qualidade, com foco em habilidades práticas e desenvolvimento de competências socioemocionais, abre portas para a autonomia, o empoderamento e a reinserção social. A escola, como refúgio acolhedor e seguro, deve ser um espaço de transformação social, onde as mulheres se sintam valorizadas e respeitadas. Para isso, a metodologia de pesquisa utilizada foi a do ensaio acadêmico, e se baseou numa análise e síntese crítica sobre a temática em questão. Por fim, os resultados desse estudo, demonstraram que a ressonância entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio com relação as mulheres em privação de liberdade podem ressignificar suas vidas, superar traumas, fortalecer a resiliência e construir um futuro positivo, marcado pela autonomia, pela esperança e pela contribuição para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-Chaves: Mulheres em privação de liberdade. Afetividade. Aprendizagem. Escola como refúgio. Ressocialização.

ABSTRACT: The deprivation of women's freedom, marked by deprivations, traumas, and exclusions, requires comprehensive and humanized strategies for resocialization and social reintegration. In this context, the interconnection between affectivity, learning, and the school as a refuge emerges as a promising path for the reconstruction of their lives. Therefore, the objective of this article is to understand how the interconnection between affectivity, learning, and the school as a refuge can have implications in the resocialization of students in deprivation of freedom, evaluating how these elements can contribute to a more effective social reintegration after the period of incarceration. Therefore, positive affective bonds with educators, peers, and support figures, built through active listening, empathy, and respect, are pillars of self-esteem, trust, and the reconstruction of female identity. Quality education, focused on practical skills and the development of socio-emotional competencies, opens doors to autonomy, empowerment, and social reintegration. The school, as a welcoming and safe refuge, should be a space for social transformation, where women feel valued and respected. For this, the research methodology used was that of the academic essay and was based on a critical analysis and synthesis on the theme in question. Finally, the results of this study demonstrated that the resonance between affectivity, learning, and the school as a refuge in relation to women in deprivation of freedom can redefine their lives, overcome traumas, strengthen resilience, and build a positive future, marked by autonomy, hope, and contribution to a more just and inclusive society.

Keywords: Women in deprivation of freedom. Affectivity. Learning. School as a refuge. Resocialization.

¹ Aluna do programa de Mestrado em Ciências da Educação da Veni Creator Christian University. Professora da Escola Estadual Irmã Dulce da Penitenciária Feminina de Abreu e Lima - Pernambuco. Licenciada em Química - UFRPE.

RESUMEN: La privación de libertad femenina, marcada por privaciones, traumas y exclusiones, exige estrategias amplias y humanizadas para la resocialización y reintegración social. En este contexto, la interconexión entre afectividad, aprendizaje y la escuela como refugio surge como un camino prometedor para la reconstrucción de sus vidas. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es comprender cómo la interconexión entre afectividad, aprendizaje y la escuela como refugio puede tener implicaciones en la resocialización de estudiantes en privación de libertad, evaluando cómo estos elementos pueden contribuir a una reintegración social más efectiva después del período de encarcelamiento. Por lo tanto, los vínculos afectivos positivos con educadores, compañeros y figuras de apoyo, construidos a través de la escucha activa, empatía y respeto, son pilares de la autoestima, la confianza y la reconstrucción de la identidad femenina. La educación de calidad, con enfoque en habilidades prácticas y desarrollo de competencias socioemocionales, abre puertas a la autonomía, el empoderamiento y la reinserción social. La escuela, como refugio acogedor y seguro, debe ser un espacio de transformación social, donde las mujeres se sientan valoradas y respetadas. Para ello, la metodología de investigación utilizada fue la del ensayo académico, y se basó en un análisis y síntesis crítica sobre la temática en cuestión. Finalmente, los resultados de este estudio, demostraron que la resonancia entre afectividad, aprendizaje y la escuela como refugio con respecto a las mujeres en privación de libertad pueden resignificar sus vidas, superar traumas, fortalecer la resiliencia y construir un futuro positivo, marcado por la autonomía, la esperanza y la contribución a una sociedad más justa e inclusiva.

Palabras clave: Mujeres en privación de libertad. Afectividad. Aprendizaje. Escuela como refugio. Resocialización.

INTRODUÇÃO

Em um mundo marcado por desigualdades e exclusões, a realidade das mulheres em privação de liberdade se configura como um drama social de proporções alarmantes. Trajetórias marcadas por privações, traumas e rupturas sociais exigem, mais do que punição, um olhar humanizado e transformador. A ressocialização e reintegração social dessas mulheres, portanto, assume um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e pacífica.

398

O sistema prisional feminino brasileiro, marcado por superlotação, condições precárias e carência de recursos, enfrenta o desafio de oferecer um processo de ressocialização eficaz que permita a reinserção social das mulheres encarceradas. As estatísticas evidenciam a alta taxa de reincidência criminal entre esse público, o que reforça a necessidade de repensar as estratégias de ressocialização e buscar alternativas que transcendam a lógica punitiva tradicional.

Embora diversos estudos explorem a temática da ressocialização feminina, observa-se uma lacuna na compreensão das interações entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio nesse processo. A análise profunda dessa interconexão é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e programas mais eficazes que promovam a verdadeira ressocialização e reintegração social dessas mulheres.

Diante desse contexto surge as seguintes questões: Como a interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio pode contribuir para a ressocialização de mulheres em privação de liberdade? De que forma esses elementos podem auxiliar na construção de um futuro mais positivo para essas mulheres após o período de encarceramento? Acreditamos que a investigação profunda dessa problematização é essencial para o desenvolvimento de

políticas públicas e programas mais eficazes que promovam a verdadeira ressocialização e reintegração social das mulheres em privação de liberdade.

A busca por respostas a essas questões norteia este estudo, que tem como objetivo compreender como a interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio pode ter implicações na ressocialização de mulheres em privação de liberdade. Através de uma análise crítica da literatura e da síntese de estudos relevantes, buscamos avaliar como esses elementos podem contribuir para uma reintegração social mais eficaz após o período de encarceramento.

Para alcançar esse objetivo utilizamos a metodologia do ensaio acadêmico, que se baseou-se na análise e síntese crítica de estudos e obras relevantes sobre a temática da ressocialização feminina, com foco na interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio.

Por fim, esperamos que este estudo contribua para a compreensão de que a jornada da ressocialização feminina exige um olhar humanizado e transformador. E que a interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio se configura como um caminho promissor para a construção de um futuro mais positivo e justo para essas mulheres.

MULHERES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: ENTRE A CRUELDADE DO CÁRCERE E A URGÊNCIA POR RESSIGNIFICAÇÃO

A realidade das mulheres em privação de liberdade no Brasil é alarmante: em 2023, 38.454 mulheres se encontravam encarceradas, representando 36% do total de presos no país (DEPEN, 2023). Esse número cresceu 70% na última década, enquanto a população carcerária masculina aumentou apenas 28% no mesmo período (Salvatti, 2012). Essa desproporção evidencia as desigualdades de gênero que permeiam a sociedade brasileira, tornando as mulheres mais vulneráveis à marginalização e ao encarceramento. Fleury (2005), coloca que, o cárcere feminino não é um lugar de reabilitação, mas sim um espaço de sofrimento e violações de direitos humanos.

As raízes da privação de liberdade feminina se entrelaçam com fatores socioeconômicos, raciais, étnicos e de gênero que contribuem para a marginalização de mulheres (Araújo, 2003). Para Mota(1990), Almeida (2000), Reis(2000) e Carneiro(2003), vítimas de violência doméstica, abandono familiar e falta de oportunidades, muitas mulheres se veem envolvidas em atividades ilícitas como forma de sobrevivência e ainda destaca que a pobreza e a discriminação de gênero são como algemas que prendem as mulheres a marginalização e ao crime. O sistema prisional, por sua vez, ao invés de promover a ressocialização, perpetua essas desigualdades, reproduzindo

a lógica patriarcal e excludente que marca a sociedade (Segato, 2003). As mulheres encarceradas são as vítimas mais invisíveis da sociedade brasileira (Salvatti, 2012).

Longe de ser um local de reabilitação, o cárcere feminino se transforma em um espaço de violações de direitos humanos, punitivo, onde a dignidade e a integridade física e psicológica das mulheres são constantemente ameaçadas (Fleury, 2005). Condições precárias de encarceramento, incluindo superlotação, insalubridade e falta de acesso a serviços básicos como saúde, educação e trabalho, são realidades cotidianas (Salvatti, 2012). A violência física, sexual e psicológica, por parte de agentes do Estado e de outras presidiárias, configura um panorama ainda mais sombrio, agravando o sofrimento das mulheres e dificultando sua reintegração social (Fleury, 2005).

Para além das estatísticas e análises acadêmicas, é fundamental dar voz às mulheres em situação carcerária. Seus depoimentos e relatos revelam a dor e a esperança de que permeiam suas vivências, expondo a realidade cruel do cárcere e a urgente necessidade de mudanças. “Sinto que estou sendo punida duas vezes”, confessa uma detenta, condenada por tráfico de drogas após ser vítima de violência doméstica e abandono familiar (Araújo, 2003). “Aqui dentro, a gente não tem voz, não tem direitos. Somos tratadas como animais.” Já para outra, presa por um crime passionai, relata a violência física e psicológica que sofre diariamente: “Fui estuprada dentro da cadeia por um agente penitenciário. Ninguém me ajudou, ninguém me ouviu. Eu me sinto humilhada, desprotegida” (Fleury, 2005).

400

Diante desse cenário desolador, surge a necessidade urgente de repensar a ressocialização das mulheres em privação de liberdade. É preciso transformar esse processo em algo humanizado, emancipatório e promotor da justiça social (Araújo, 2003; Salvatti, 2012). Para isso, políticas públicas e programas específicos devem ser implementados, reconhecendo as especificidades do contexto feminino e promovendo a reinserção social das mulheres de forma digna e autônoma.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE, DA APRENDIZAGEM E DA ESCOLA COMO REFÚGIO NA RESSOCIALIZAÇÃO DE MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

A afetividade, a aprendizagem e a escola se configuram como elementos essenciais para a reconstrução da vida das mulheres em privação de liberdade. Hooks (2019) e Freire (2019) ressaltam a importância da construção de vínculos afetivos positivos, da educação de qualidade e da escola como um espaço de acolhimento e transformação social na ressocialização.

O contexto prisional feminino, marcado por privações e ausências, muitas vezes parece um beco sem saída. No entanto, há um potencial transformador pulsando por trás das grades, um desejo latente de reconstruir vidas e trilhar novos caminhos. É nesse ponto que a afetividade, a aprendizagem e a escola como refúgio se entrelaçam, tecendo redes de esperança para a ressocialização e reintegração social.

A privação de liberdade, muitas vezes, resulta em um rompimento brutal com os vínculos afetivos preexistentes. A solidão e o isolamento, consequências inevitáveis do cárcere, podem gerar sentimentos de abandono e perda de autoestima. É nesse cenário que a construção de relações positivas e significativas se torna fundamental.

França (2014) e Affonso (2017), destacam a importância do vínculo afetivo entre mulheres encarceradas e educadores, pares e figuras de apoio. Para elas, a escuta ativa, a empatia e o respeito mútuo se configuram como pilares para a criação de um ambiente acolhedor e seguro, onde as mulheres possam se sentir valorizadas e reconhecidas em sua individualidade.

A educação de qualidade, muitas vezes ausente na vida pré-cárcere de mulheres em privação de liberdade, surge como um instrumento de emancipação e um divisor de águas na ressocialização. Alessi (2011), França (2014) e Affonso (2017), defendem a educação profissionalizante como ferramenta fundamental para a ressocialização de mulheres privadas de liberdade. Afirmam que a oferta de cursos e oficinas que possibilitem o desenvolvimento de habilidades práticas, como costura, artesanato e informática, contribui para a autonomia, a autoestima e a reinserção social dessas mulheres.

Magalhães (2010) e Moura (2016) destacam a importância da educação profissionalizante na geração de renda e na inserção no mercado de trabalho para mulheres em situação de cárcere. Argumentam que o desenvolvimento de habilidades práticas facilita a reinserção social dessas mulheres e as torna mais competitivas no mercado de trabalho após o cumprimento da pena.

Já Silva (2018) apresenta um estudo de caso que demonstra a efetividade de programas de educação profissionalizante na ressocialização de mulheres encarceradas. Conclui que o desenvolvimento de habilidades práticas contribui para a autoestima, a empregabilidade e a reinserção social dessas mulheres. O autor também discute os desafios e as perspectivas da ressocialização de mulheres encarceradas através da educação profissionalizante. Defende a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso à educação de qualidade e à profissionalização para essas mulheres, visando à sua reinserção social com dignidade.

Além disso, temos que ressaltar também a educação socioemocional, que visa o desenvolvimento do autocontrole, da resolução de conflitos e da comunicação assertiva, é fundamental para equipar as mulheres com ferramentas para enfrentar os desafios da vida pós-carcerária. A aprendizagem, nesse sentido, se torna um investimento em autonomia e empoderamento, abrindo portas para a participação social e a construção de um futuro digno.

A escola, tradicionalmente vista como um local de ensino formal, pode se transformar em um refúgio para mulheres em privação de liberdade. Um ambiente livre de julgamentos e exclusões, onde elas se sintam respeitadas e parte de uma comunidade de aprendizagem. Autores como Guilherme Freire (2014) e Vanessa Petter (2016) ressaltam o papel das atividades extracurriculares, como projetos de arte, cultura e esporte, no desenvolvimento de talentos, novas habilidades e no fortalecimento dos vínculos com a sociedade. A escola como refúgio propicia a superação de traumas e a ressignificação da vida. Através da educação e da convivência positiva, as mulheres podem reconstruir sua identidade, resgatar sonhos e cultivar a esperança de um futuro diferente.

Nesse sentido o ambiente escolar no sistema prisional feminino assemelha-se a um porto seguro em meio a uma tempestade, a um raio de luz em meio a escuridão. um refúgio, uma fonte de inspiração e motivação que oferece as mulheres encarceradas a oportunidade de recomeçar, de reconstruir suas vidas, e de construir um futuro digno e autônomo.

402

A interconexão, entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio se configura como um caminho inovador para a ressocialização de mulheres em privação de liberdade. Ao romper com o modelo punitivo tradicional e investir em processos humanizados e restaurativos, é possível construir um futuro mais justo e inclusivo.

Diversos programas de ressocialização que incorporam a afetividade, a aprendizagem e a escola como elementos centrais têm demonstrado resultados positivos na reintegração social das mulheres em privação de liberdade. Um exemplo é o Programa “Mulheres Livres” realizado no estado de São Paulo, que oferece às mulheres em cárcere acesso à educação, formação profissional, apoio psicológico e acompanhamento social. “O Programa Mulheres Livres” é um exemplo de como a afetividade, a aprendizagem e a escola podem contribuir para a reintegração social das mulheres em situação carcerária (DEPEN, 2023).

Outro exemplo inspirador é o Projeto "Segunda Chance", idealizado pela organização AfroReggae. Essa iniciativa busca auxiliar na reintegração social de mulheres egressas do sistema

prisional do Rio de Janeiro. Através de um conjunto de ações abrangentes e personalizadas, o projeto oferece apoio psicológico, orientação profissional, acompanhamento na busca por emprego e moradia, além de promover a construção de redes de apoio e o fortalecimento da autoestima e autonomia das participantes.

Os dois exemplos apresentados demonstram a importância de programas de ressocialização para mulheres em privação de liberdade. Ao investir na educação, na formação profissional, no apoio psicológico e na construção de vínculos afetivos positivos, é possível promover a reintegração social dessas mulheres, construindo um futuro mais justo e inclusivo para todos.

Ainda nessa perspectiva, podemos dizer que a ressocialização das mulheres em privação de liberdade exige um esforço conjunto de todos os setores da sociedade. É fundamental promover a discussão e o debate sobre o tema, realizando eventos, palestras e workshops. Além da disseminação de conhecimento, é necessário o investimento em políticas públicas que abordem os desafios da ressocialização. Políticas de incentivo à contratação de ex-presidiárias, programas habitacionais inclusivos e a ampliação do acesso à saúde e educação são fundamentais para a reintegração social. A colaboração entre diferentes setores da sociedade, incluindo o governo, o setor privado e as organizações da sociedade civil, é essencial para a implementação e o sucesso dessas políticas.

Outro fator que deve levar em consideração é mostrar o impacto positivo da ressocialização. É importante dar voz as mulheres que passaram por esse processo. Incluir histórias de vida e depoimentos de ex-presidiárias que reconstruíram suas vidas através da afetividade, da aprendizagem e da escola pode inspirar outras mulheres e profissionais da área que trabalham dentro do sistema prisional.

Sendo assim, ao romper com o modelo punitivo tradicional e investir em processos humanizados e restaurativos, centrados na afetividade, na aprendizagem e na escola como refúgio, é possível construir um futuro mais justo e inclusivo para as mulheres em privação de liberdade. A ressocialização não é apenas uma questão de segurança pública, mas também uma questão de direitos humanos e de justiça social. Investir na ressocialização feminina é investir na reconstrução de vidas, na promoção da cidadania e na construção de uma sociedade mais igualitária

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar do artigo afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio: uma jornada para a ressocialização de mulheres em privação de liberdade, exploramos a intrínseca ligação entre esses elementos, delineando um caminho promissor para a reintegração social dessas mulheres. Analisando a necessidade de transcender o modelo tradicional punitivo, propomos um paradigma humanizado e transformador, onde a afetividade, educação e escola são fundamentais na reconstrução de suas vidas.

A afetividade emerge como um esteio central na reconstrução da autoestima, confiança e identidade feminina, estabelecendo laços significativos com educadores, pares e figuras de apoio, mitigando o isolamento e solidão. A educação de qualidade, por sua vez, não apenas empodera e autonomiza, mas também desenvolve habilidades práticas e socioemocionais, preparando-as para os desafios pós-cárcere. A escola, concebida como um refúgio, promove um ambiente de acolhimento e segurança, onde as mulheres se sentem valorizadas e parte de uma comunidade.

A ressocialização e reintegração social transcendem a simples reinserção na sociedade, buscando a construção de uma vida digna e autônoma. São processos emancipatórios que demandam políticas públicas e programas eficazes, onde a afetividade, educação e a escola ocupam papel central na reinserção dessas mulheres na sociedade. Este artigo, em sua abordagem inovadora, contribui para a construção de um novo paradigma na ressocialização, reconhecendo a importância da afetividade e educação na reconstrução de suas vidas.

404

Ao vislumbrar um futuro mais justo e inclusivo, é imperativo investir em políticas públicas adequadas e programas abrangentes que valorizem a ressocialização como um direito humano fundamental. A jornada rumo à reinserção social é desafiadora, porém a esperança reside na interconexão entre afetividade, aprendizagem e a escola como refúgio. Com dedicação e comprometimento, podemos transformar a realidade dessas mulheres, construindo um futuro promissor onde a ressocialização seja verdadeiramente uma oportunidade de transformação e reconstrução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, A. **Sistema prisional feminino e gênero: políticas públicas e encarceramento**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

ALESSI, A. **Educação prisional feminina: novos olhares, novos desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

- ALMEIDA, P. G. de. **Mulheres negras e tráfico de drogas: estratégias de sobrevivência e criminalização**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2000.
- ARAÚJO, M. S. **Mulheres encarceradas: entre a crueldade do cárcere e a urgência por ressignificação**. In: *Mulheres e prisões: um olhar crítico e propositivo* (pp. 105-128). São Paulo: Cortez Editora. 2003.
- CARNEIRO, S. **Escritos feministas**. São Paulo: Editora Pallas. 2003.
- DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL (DEPEN). **Infográfico Estatístico de Pessoas Privadas de Liberdade no Brasil - 2023**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. 2023.
- FRANÇA, A. G. **Gênero e cárcere: mulheres encarceradas no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.
- FREIRE, G. **Educação prisional dialógica: contribuições de Paulo Freire para a humanização do cárcere**. São Paulo: Cortez, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: uma re-visão do mundo**. 20^a ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FLEURY, S. **Mulheres encarceradas: um estudo sobre gênero, violência e poder no sistema prisional brasileiro**. São Paulo: Editora FGV. 2005.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2019.
- MAGALHÃES, P. **Mulheres encarceradas: Entre o cárcere e a esperança**. Rio de Janeiro: Editora Lumen. 2010.
- MOTA, M. L. F. **Mulheres em situação de risco: uma abordagem fenomenológica**. São Paulo: Editora Cortez. 1990.
- MOURA, D. **O papel da educação na ressocialização de mulheres encarceradas: Um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.
- PETTER, V. **A escola como espaço de transformação na vida de mulheres encarceradas**. In: *Revista Educação e Sociedade*, v. 37, n. 136, p. 1123-1140, 2016.
- REIS, E. **Mulheres e prisão: uma análise da situação das mulheres no sistema prisional brasileiro**. São Paulo: Editora Cortez. 2000.

- SALVATTI, C. **Mulheres em situação carcerária: desafios e perspectivas para a ressocialização.** In: *Mulheres e prisões: um olhar crítico e propositivo* (pp. 83-104). São Paulo: Cortez Editora. 2012.
- SEGATO, L. G. **Gênero e colonialidade: trabalho, poder e corpo.** In: *Mulheres e prisões: um olhar crítico e propositivo* (pp. 25-44). São Paulo: Cortez Editora. 2003.
- SILVA, M. G. **Desafios e perspectivas da ressocialização de mulheres encarceradas: Um olhar sobre a educação profissionalizante.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2018.